

**A dança da permanência:
um jogo que permite adequar possibilidade e necessidade**
*The dance of the Permanence:
a game that allows to adjust possibility and necessity*

Adriana Bittencourt Machado

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
adrianabittencourt@uol.com.br

Resumo: A presente comunicação vem elucidar o fenômeno da permanência como condição indispensável para que os sistemas e ambientes consigam se comunicar e, assim, colaborar para a evolução do Universo. A vida de todo organismo é movimento. A dança, como tudo que é vivo, se transforma pelo movimento. Aqui, a dança serve como exemplo de onde se aplica essa hipótese sobre a permanência, exatamente pelo seu caráter de existir em permanente fazer, e, portanto, ser sempre transformação. O Universo evolui, transformando reajustes gerados por deslocamentos e vinculações, numa espécie de “dança cósmica” ou “dança da permanência”: um jogo que permite adequar possibilidade e necessidade. Sendo assim, a dança inicia seu tempo quando emerge, pois sob o ponto de vista do sistema, o tempo “nasce” quando emerge como singularidade. Sabemos que o corpo em seu cotidiano se expressa através de movimentos e gestos, códigos gestuais formados por padrões, que nas linguagens humanas assumem formas de argumentos, leis, símbolos. O corpo dança como pensa, pois é no corpo que se dá a experiência das mediações e a dança aparece como expressão dessas relações. O movimento de dança pode aparecer como primeiro ou signo icônico, como segundo, o fato, e como terceiro, o mediador e representação de um corpo: o movimento simultaneamente. Tudo que existe expressa algo. Na dança, o movimento é a chave da sua comunicação. Ele é o que faz da dança uma das maneiras possíveis do Universo se comunicar.

Palavras-chaves: Permanência. Dança. Movimento. Mediações.

Abstract: *This communication clarifies the phenomenon of permanence as an indispensable condition for systems and environments to communicate and, so, cooperate toward the evolution of the Universe. The life of every organism is movement. Dance, like all living things, is transformed by movement. Dance, here, serves as an example of this hypothesis of permanence, precisely because of its character of existing in permanent making, and thus being, always transformation. The Universe evolves transforming readjustments generated by displacements and linkages, in a kind of “cosmic dance” or “dance of permanence:” a game that enables adjusting possibility and necessity. Thus, dance begins when it emerges since, under the point of view of the system, time is “born” when it emerges as singularity. We know that the body, in its day-to-day behavior, expresses itself through movements and gestures, motion codes shaped by patterns that in human languages assume forms of arguments, laws, symbols. The body dances as it thinks, for it is in the body that mediating experience occurs, and the dance appears as an expression of these relations. The dance movement may appear first as an iconic sign, second as fact, and third as mediator and representation of a body: simultaneous movement. All that exists expresses something. In dance, movement is the key of its communication. It is what makes dance one of the possible manners for the Universe to communicate.*

Keywords: *Permanence, dance, movement, mediation.*

Permanência, em sua significação, carrega um legado filosófico intrinsecamente vinculado ao sentido de essência do ser, condicionado à verdade e à imutabilidade, como também, à oposição e à impermanência. Mesmo no senso comum, não é raro ouvir atribuições atreladas às noções de conservação e mesmice. As reflexões, aqui

propostas, se submetem ao risco, ao desempenhar o exercício de transformar, a partir de um novo olhar, antigos conceitos, adotando como fundamentação teórica a doutrina do Sinequismo¹ proposta por Charles Sanders Peirce².

Ela permite a análise dos fenômenos como processo, produzindo entendimento sobre a emergência do fenômeno, gerado pelo acaso³, e a probabilidade de ocorrência regular no tempo, a partir de um *continuum* de necessidade. Assim, a “rigidez”, na concepção do termo permanência, transforma-se e traduz-se em *tendencialidade* do Universo, como lei que apenas perdeu seu frescor, mas que continua evoluindo através das ações dos signos, ou semiose.

Não à toa, no entrelaçamento dessas reflexões, agrega-se a dança como um sistema complexo, gerador de signos, exatamente pelo seu caráter seu caráter permanente de transição do fazer, recriando-se pelas distribuições do acaso, ao mesmo tempo em que se constitui pela regularidade, a partir de um tipo de encadeamento sógnico que aparece e divulga sua própria significação: a de ser Dança. Logo, possibilidade e necessidade se apresentam como um “jogo” imprescindível para que a Dança, enquanto sistema gerador de signos, tenda a permanecer. Sua natureza configura-se na representação de uma organização sógnica que se desenha em primeira instância no corpo.

O grande artista do Universo

Para alcançar um entendimento de permanência como processo, toma-se como relevância refletir sobre as conseqüências geradas pelo acaso, principalmente aquelas relacionadas ao surgimento do Universo, pois quando não havia coisas, sistemas, a possibilidade era pura manifestação de potência, longe dos limites definidos pelos corpos. Ao rescindir um estado de absoluto nada, o acaso origina o tempo como possibilidade de se efetivar diversos processos. Desse modo, de uma ruptura, de uma mudança entre a ausência de ato e ato, embora fortuito, de um *continuum* extremamente geral para um estado de qualidades contínuas, de uma potencialidade ilimitada para uma singularidade potencial, o Universo “surge” como possibilidade. Essa característica de potencialidade contínua nutre o Universo e é por ela que ele também permanece.

Como gerador acidental, o acaso atua como produtor de novidades que não se findam nas efetivações dos particulares. Não há condição de medição em sua ação, sua imprevisibilidade contraria a estabilidade do sistema, alterando o fluxo informacional interno e desorganizando os tempos regulares da ordem. Entretanto, sob a ótica da evolução, ele é reciclador e produtor de continuidade, na medida em que forja o sistema a uma reorganização, levando-o à transformação como condição de permanência.

Ora, afirmar que a variedade e a multiplicidade do mundo têm sua realidade metafísica na primeira categoria é afirmar que este mesmo mundo dispõe de um modo de tornar a multiplicidade e a variedade

¹ Só uma teoria lógica em nível de generalidade máxima, tal como Peirce a concebeu, poderia dar suporte à doutrina do Sinequismo ou postulação radical do continuum do universo (Santaella 1992:47).

² Lógico, cientista e filósofo que elaborou uma Teoria Geral dos Signos (1839-1914).

³ Como princípio, ele é um modo de ser correlacionado com irregularidades e assimetria atinentes com o que está imediatamente presente aos fatos (Ibri 1992:39).

atos de alguma potência. Fazendo-se sempre sujeito do pensamento, a experiência leva-nos a pensar acaso e qualidade como atributos do mundo. (Ibri :1992)

Configurando uma mudança de estados, evidencia-se um início, ou pelo menos um estado potencial, onde as qualidades distribuídas pelo acaso ganham chance de existência, ao gerar a presentidade na singularidade de um tempo. Analisando sob outro aspecto “é como se o Universo dimensionasse ‘canais’ para que essa transformação seja viabilizada a partir do local para o global” (Vieira:1995). Mas a ação que provocou esse fenômeno não buscava agregar, nem produzir relações e diálogos sîgnicos. Essas qualidades também estavam impregnadas de potência. Poderiam firmar-se, buscar identidades, talvez a própria existência enquanto possibilidade, mas, para isso, um outro movimento teria que ser iniciado, pois como potência criativa, o acaso não agrega sua produção, não proporciona o elo de ligações entre o despejo de qualidades e, estas, por serem unas, mostram-se múltiplas, caracterizando um Universo que inicia seu trajeto onde a total diversidade não permite revelar nem a igualdade nem a diferença.

Entretanto, o universo quer permanecer, requerendo um fluxo do tempo, persistindo ao reagir, tornando-se regular ao perseguir uma conduta de reafirmação do seu significado, por uma tendência que dispara um impulso habitual e constante para a ação. Se assim não o fosse, o que seria das qualidades distribuídas pelo acaso? Logo, a tendência à repetição proporciona a continuidade dos particulares. Estes repetem, reagem, insistem, buscam novos arranjos, estabelecendo constantemente mediações para afirmarem em conjunto suas significações, formando-se e transformando-se num percurso evolutivo, num *continuum* do tempo nas demarcações do espaço, ou seja, na permanência desse movimento.

A Dança da Permanência: natureza de um *continuum*

O Universo busca sua permanência ao construir sua gramática conseqüentemente, “a permanência exige as condições de emergência do sistema que, graças a ela, flui no real durante algum tempo” (Vieira:1993). Deste modo, a permanência em sua generalidade está na origem de tudo que emerge. Cada particularidade, cada sistema, contém as regras gerais da lei universal e as específicas, como estratégias adaptativas de sistemas que lutam para permanecerem como existentes. Permanecer é estar e ser *continuum* no fluxo do tempo, transformando-se pelo diálogo das trocas necessárias e evolutivas. Assim, o Universo buscou desde sua origem agregar semelhanças, compartilhando relações, produzindo sistemas diferenciados, por uma tendência generalizadora chamada permanência.

A permanência é da natureza de um *continuum*, embora diferenciada do *continuum* de indeterminação e incerteza chamado acaso: “não é demais dizer que este Universo, tal qual evidenciou a Cosmologia peirciana, é uma conseqüência experiencial de uma concepção que se desenhou a partir de um *continuum* de possibilidades” (Ibri:1992). A permanência perpassa a todo sistema, esse sentido como alternativa para a busca da existência e da realidade, ao preservar a condição de generalização que se estende a todas as singularidades geradas, proporcionando a processualidade dos fenômenos.

Na origem dos fenômenos, a permanência se encontra como tendência universal, permitindo o caminho evolutivo que transforma potência em ato, uma vez que no conjunto insistente dos hábitos, a generalidade se instala. “Há na verdade um instinto de conservação. Mas não passa de um aspecto de um instinto mais forte. O instinto essencial é o instinto de permanência” (Exupéry:1962). A permanência, em sua generalidade, proporciona a busca da existência, onde os signos podem evoluir e se atualizarem para também permanecerem, atuarem e se replicarem como regra geral, estabelecendo, assim, condições para a duração dos particulares e proporcionando a construção de uma lógica que segue o caminho da evolução, uma vez que “estamos sempre apostando corrida com o sentido, pois o que chamamos de real não é um dado, mas um processo” (Santaella:1993).

Os particulares, portanto, reclamam insistentemente por existência, pois sob seus pontos de vista, a continuidade aparece como necessidade, como manutenção de padrões regulares e esforços de atualização de novos arranjos por relações de semelhanças e diferenças. O particular e o geral, ou a alteridade e a generalidade, são dois predicados, duas propriedades existentes na concepção peirciana de realidade, já que “o mero poder ser do fenômeno mediativo tem seu fundamento lógico no dever ser da generalidade” (Ibri:1992). A continuidade, como necessidade, forja relações, agrupando coletivos para formar sistemas cada vez mais complexos. Unem-se e agrupam-se numa medida de semelhança, pois cada particularidade, cada agregado, é uno e soma, quando visto como geral. O conjunto das similaridades aparece como identidades entre particulares, mas que, em verdade, somente revela igualdade quando tratado como generalidade. A permanência, então, se instala na raiz do fenômeno, gerando condições de replicações e diálogos sígnicos, uma vez que a irreversibilidade é vetor de evolução.

Só um tipo geral de natureza auto-reprodutiva seria capaz de governar a atualização de particulares. Os modos através dos quais os particulares se atualizam podem variar enormemente, mas o processo orientado para um fim, que o governa, tem uma base lógica. Essa base é a de ação triádica ou sígnica que, mesmo nas suas formas mais rudimentares, apresenta pelo menos uma gota de inteligência. (Santaella :1992)

Corpo em permanente mediação

De um longo processo evolutivo resulta o corpo como um relacionamento permanente entre natureza e cultura. Em sua natureza, encontra-se a mobilidade processual de signos, permitindo que sua comunicação ocorra de diversas maneiras. O corpo modula informações, agrega, reconhece, opera na esfera da sintaxe e da semântica como um reorganizador constante das suas propriedades, estruturas, funções, pois tem como objetivo dar continuidade às suas próprias informações, valores e signos. Como sistema extremamente complexo e constantemente gerativo, transforma essa aptidão em possibilidade de alcançar a permanência através de replicações sígnicas e codificações, na repetição dos hábitos e formação de códigos informacionais.

O corpo é meio e mensagem e comunica-se com o ambiente modificando-o, ao mesmo tempo em que é modificado. Se a lei é permanecer, o corpo é mais um agente co-adaptativo de uma imposição substancial no reino evolutivo. O corpo humano

caracteriza-se como um sistema de alta complexidade, onde a fronteira entre natureza e cultura se dilui, exatamente porque é no corpo que ocorre o trânsito permanente entre essas naturezas de informação. Não é um lugar ocupado, preenchido por informações, nem um transporte onde as mesmas são apenas transmitidas, mas um sistema informacional que partilha, em sua inteireza, ações, como acordos incessantes com o ambiente. O corpo é um sistema processual. Nas relações de troca, corpo e ambiente co-evoluem e se transformam. Este meio, que é o corpo, é um conjunto de informações que acessa o mundo através de signos⁴, no mesmo momento em que é acessado.

Como meio de comunicação, expressa o estado transitório em que se encontra; como mensagem, representa a materialização de suas heranças e vice-versa, já que o corpo carrega informações selecionadas como resultado evolutivo ainda em processo. Como hábito envelhecido, resulta de leis que permanecem evoluindo sem alcançar nenhum limite possível. Desta maneira, corpo é signo e como tal, nasce, vive, morre e evolui. E como signo material e cultural, se encontra em permanente feitura, na geração de novos corpos sógnicos e linguagens.

De maneira muito abreviada, podemos lembrar que tudo o que surge no mundo, luta para permanecer, e que a chave para tal se encontra na sua capacidade de produzir uma continuidade. No final do século de Darwin, o filósofo Charles Sanders Peirce fala de semiose - nome com o qual descrevia a ação permanente que um signo tem de produzir outro a partir de si mesmo, mostrando tal propriedade - a semiose - como o mecanismo que necessita da produção de signos para se perpetuar. O desejo de permanecer, que leva à necessidade de fazer outro a partir de si mesmo, pode se realizar porque no mundo onde vivemos as informações tendem a operar dentro de um processo permanente de comunicação. (Katz: 2003)

Toda tentativa é de permanecer e, como cada singularidade contida no Universo possui seu tempo de duração, a investida é replicar informações como sinal de permanência. As informações culturais ganham autonomia e adquirem independência. Sistemas culturais são encadeamentos sógnicos, linguagens gramaticais que se agrupam e desenvolvem a capacidade de especialização, quando passam a armazenar e selecionar diferenças que se configuram como informação. É na capacidade de reconhecer e memorizar que a temporalidade se instala. Quanto maior o grau de generalização, e isso inclui repetição e regularidade, maior poder de ação.

O corpo se enuncia em ações contínuas, sinalizando que o permanecer pertence aos estados criativos de processos evolutivos. As informações que entram no corpo são implementadas, encarnadas e emolduram seu próprio feitio. Seus movimentos, expressões e linguagens são estratégias de comunicação como tentativa de permanência; seus estados processuais se divulgam no espaço-tempo. O corpo, em sua natureza, é mídia de seu tempo.

E tal condição invalida as tentativas de tratá-lo como objeto pronto, sujeito ou agente de influências. O mais indicado seria pensá-lo enquanto articulador, propositor e elaborador de informações que o

⁴ Há três tipos mutuamente exclusivos de signos: ícones, índices e símbolos. (...) Podemos, para simplificar, chamar um signo pelo nome de elemento ou *aspecto* que é mais importante nele, ou para o qual queremos chamar atenção, o que não implica que não haja elementos ou aspectos dos outros tipos. (Fisch, In Santaella 1992; 83-84).

singularizam, pois as trata de modo sempre únicos – afinal, cada corpo é um, apesar de todos compartilharem informações com o ambiente. (Katz: 1994)

A dança e o movimento como chave de sua comunicação

Sendo a evolução que comanda todo o espetáculo, corpo e ambiente se contaminam, estabelecendo acordos permanentes na produção de novos signos, como estratégia de sobrevivência que se apresenta como ganho de complexidade. É esse olhar que direcionamos na Dança, como sistema complexo que não se encontra fora dessa rede informacional evolutiva. Há mecanismos universais de permanência, os quais poderemos encontrar nas estrelas, nos animais, nos homens, inclusive nos sistemas de linguagem. Mas o que os diferencia é seu aspecto particular, condição de categorização, que ocorre em todos os sistemas do Universo. Enquanto natureza de ser arte e criação, representa o real, agregando informações elaboradas, na medida em que transforma o objeto de inúmeras maneiras; uma forma transgressora de lidar não apenas com sua feitura, mas também geradora de novas percepções e ações que impedem que os signos se cristalizem na mesmice. A dança, portanto, é indicadora de novos sinais e novas formas de relacionamento com o mundo.

Os movimentos que desenharam sua existência se conformam na ação da experiência, pois o corpo que dança explora o real de forma dimensionada, processando signos e mediando-os em forma de movimento e novas organizações. Em sua singularidade, possui uma capacidade relacional no tempo-espaço extremamente elaborada, na medida em que se constrói pela articulação dessas duas grandezas. Sua aparência, portanto, está comprometida com o corpo que desenha em movimentos seu contexto.

O corpo se oferece como um geral onde pululam particularidades [...] Nele, a dança acontece como um fenômeno peninsular, não insular, que jamais prescinde da ligação com o continente ao qual pertence. Que se faz em teia e, portanto, pede conhecimentos plurais para ser investigada. (Katz: 2003)

Cada dança é tão única como cada corpo que dança, configurando uma singularidade a partir das suas relações com o ambiente. Contudo, revela-se como sistema que contém autonomia e memória, apresentando-se como processo histórico. Como sistema produtor de signos, sua capacidade em produzir informações mais complexas, mediações mais elaboradas, alastra-se como requerimento necessário a um candidato à permanência. Afinal, a existência roga-lhe um empenho em saber lidar com o acaso, utilizando-o como agente de criação e com a informação extraída do real, agregando-a e armazenando-a e, sobre ela, traçando sua estratégia de composição e organização, com notórios reflexos sobre a permanência.

Assim, este sistema aparece como regular ao mesmo tempo em que se apresenta transformado, quando seus corpos-movimentos atuam simultaneamente numa representação em sua própria configuração. Sua ação incorre mediação entre o novo e o regular, entre o hábito e as qualidades produzidas pelo acaso, pois ao se organizar como dança, pensamento do corpo, apresenta-se como representação da mediação, da transformação de padrões habituais, aliada a novos processos. O corpo dança como

pensa, e a dança corporifica seu percurso ao produzir o movimento. Com a ação dos signos, o corpo percorre as três categorias lógicas da experiência: ao se apresentar e, portanto, ao se representar, ele está em forma de pensamento⁵.

Essas três gradações, baseadas nas categorias⁶ de qualidade (primeiridade), reação (secundidade) e mediação (terceiridade), são onipresentes. Desse modo, nossa percepção delas depende, de um lado, do ponto de vista que assumimos no ato da percepção dos signos, de outro, depende também do aspecto que prepondera no signo: sua qualidade, sua existência concreta (ou seja, seu aspecto de “coisa”) ou seu caráter de lei (ou seja, sua dimensão mais propriamente sgnica). (Santaella:1992)

Quando o movimento aparece como fenômeno, sua aparência representa uma ação no espaço-tempo, que já carrega um acordo interno do corpo e sua relação com o ambiente. Uma ação que se manifesta como primeira - no ato - se constitui como fato-existência-materialidade do corpo, ocorrendo em sua própria ação a representação de um corpo e seu significado: o movimento como acordo. É dessa maneira que cada dança aparece como singular, pois o corpo que dança manifesta a expressão dos signos que articula: “a dança em um corpo, resulta de uma série orquestrada de eventos em simultaneidade, da ligação fenomenológica deste corpo com o que o envolve, via percepção, até a aprendizagem, a memória muscular, e aquilo que resulta em arte”. (Katz: 1994)

Assim, observada em sua generalidade de ser dança, ela se apresenta como fenômeno regular; vista, entretanto em sua particularidade ela se apresenta como única, pois qualquer mudança no ambiente constitui uma diferença. Por serem singulares, corpos não podem ser exatamente iguais, apenas semelhantes. A dança, então, é sempre transformada, pois os signos dialogam com outros signos em contínua evolução. Não se submete a cópias, portanto. Assim, vemos a dança, como produto de uma relação mente-matéria. Tão geral e tão particular, tão organizada e tão transitória, característica dos que vivem em processos que “quem fica preso no tempo, fica lá sozinho. Enquanto sistema vivo, a dança, como um rio, pode ser ocasionalmente desviada por uma brisa ou por um detrito. E permanece dança” . (Katz:1994) E o movimento descreve, no ato, um processo de mediação que se revela imediato.

Conclusão

O Universo se compõe de fenômenos de semelhanças e diversidades que resultam numa organização ontológica, cuja expressão está na Natureza. Essa organização é composta de signos, informações, que propiciam relações diretas e indiretas e que, no âmbito da significação, se prestam a nomear elementos, organismos, definir funções, enfim, dar configurações aos sistemas. No mundo onde a comunicação é pautada pela velocidade e pela transformação, alguns fenômenos duram mais que outros. Os processos que transformam a informação em comunicação deixam claro que a transitoriedade é uma das suas mais fortes características. Se tudo muda rapidamente,

⁵ Cf. Katz, Helena. *Um, Dois, Três: A dança é o pensamento do corpo*. Tese de doutorado, PUC, 1994.

⁶ De um modo geral, são três as categorias fenomenológicas da experiência: primeiridade como qualidade, secundidade como reação e terceiridade como pensamento. Sendo que a terceira faculdade fenomenológica, media a reação do particular, frente ao primeiro.

a comunicação precisou sofisticar-se para dar conta de processar informações que se modificam em meios que também se modificam. Assim, não devemos insistir na tentativa de entender a permanência, omitindo investigá-la como Fenômeno indispensável para a existência da comunicação.

Os sistemas, de um modo geral, buscam estratégias de sobrevivência como tentativa de permanecer, numa medida entre desajustes e ajustes, ocorrendo mudanças sígnicas em sua estrutura e novos ganhos de conexões. Faz-se necessário, portanto, repensar a permanência em um mundo que também compartilha incertezas e caos, ajustando-se entre acaso e regularidades através de mediações. A diversidade sígnica é solução de permanência: na emergência de singularidades, na troca de informação e dissipação de energia.

Dessa maneira, a dança se apresenta tal qual os fenômenos da Natureza, fluxos no tempo, irreversibilidade, e contínua semiose. Surge de uma relação complexa entre corpo e ambiente. Representa essa relação ao conformar uma nova natureza através de mediações. Construção que se desenha em tempo real, num corpo físico, construção que media informação entre o nível real e o simbólico onde atua.

O sistema dança, assim como todo o Universo, passeia nos solos de uma estabilidade, elucidando traços de uma regularidade como condição da lei, imposta pelo hábito em que se configura a própria existência do movimento. Esse elo entrelaçado de espaço e tempo, diluindo, diluindo-se, dissipando-se...

Referências Bibliográficas

DAMÁSIO, Antonio. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Editora Paulista, 2004.

IBRI, Ivo. *Kosmos Noetos: a arquitetura metafísica de S.C.Peirce*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

JACOB, François. *A lógica da vida: uma história da hereditariedade*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1993.

SANTAELLA, Lucia. *A assinatura das coisas: Peirce e a literatura*. Rio de Janeiro: Imago Ed.

SANTAELLA, Lucia. *A percepção: uma teoria semiótica*. São Paulo: Editora Experimento, 1993.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. *Cidadela*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

KATZ, Helena. *Um, Dois, Três: A Dança é o Pensamento do Corpo*. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica da pontifícia Universidade Católica de São Paulo: PUC-SP,

1994.

KATZ, Helena. "A Dança, pensamento do corpo". In: Novaes, Adauto (org). *O Homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, pp 261-274, 2003.

VIEIRA, Jorge A. "O Universo Complexo". In: *Perspicillum*, Museu de Astronomia e Ciência Afins, São Paulo. vol.7, N.1, novembro, pp 25-40.

VIEIRA, Jorge "A. Intersemiose e arte". *Anais do VIII Congresso Nacional da Federação de Arte-Educadores do Brasil-FAEB*, pp 142-153.